

"Todos têm Direito à Cultura"

O sonho e a obra de Manuel Ginestal Machado*

Teresa do Rosário Lopes**

(*Continuação do número anterior*)

Grupo de Coordenação Cultural

Em 1945, Manuel Ginestal Machado empenhou-se na criação do Grupo de Coordenação Cultural de Santarém, juntamente com outros colaboradores como Humberto Lopes, Eduardo Figueiredo e Eurico Ferreira. Num artigo publicado na *Vida Ribatejana*, Ginestal Machado apresentou os objectivos do referido Grupo: "Um grupo de scablitianos, desinteressados e amigos da sua terra, organizou (...) o Grupo de Coordenação Cultural com o fim de harmonizar e intensificar a obra de educação e cultura já iniciada e dar-lhe justa projecção e uma profícua e criteriosa realização. Elaborou-se um ousado plano de acção, do qual há que salientar: a criação de Jardins Escolas, a expansão do Concurso Literário Ribatejano, Conferências, Festas Artísticas de real valor, Exposições de Arte, edição de um boletim, Cursos Nocturnos gratuitos, Teatro e Cinema cultural, fundação de um Gabinete de Estudos Ribatejanos e estudar todos os problemas culturais e educativos de interesse para o Ribatejo."¹⁵

A este Grupo aderiram catوزه colectividades recreativas, artísticas, desportivas e sindicatos da cidade, tornando-se sócios colectivos. Em Almeirim (1946) e Alpiarça foram criadas delegações do Grupo, das quais faziam parte as colectividades desses concelhos.

De entre as actividades realizadas destacam-se exposições, colóquios, Concurso Literário concertos, a publicação de um *Boletim* e a participação no II Congresso Ribatejano. Muitos homens e mulheres de cultura passaram pelas sessões do Grupo, os escritores Alves Redel e Julião Quintina, o musicólogo Luis de Freitas Branco, a pianista Maria Elvira Barroso, o pedagogo João de Deus Barros, as declamadoras Maria Barroso e Margarida Lopes de Almeida... Os artistas franceses eram apoiados pela Alliance Française.

O Grupo era subsidiado mensalmente pelo Orfeão, de quem também recebia subsídios esporádicos: "Foi resolvido conceder o // donativo de 500\$00 ao Grupo de Coordenação Cultural para auxiliar o pagamento dos encargos resultantes (...) da semana da arte em Santarém, e o subsídio de 200\$00 ao Grupo de Coordenação Cultural de Almeirim, para abertura da sua Biblioteca Pública."¹⁶

Segundo Ginestal Machado, "A existência do Grupo de Coordenação Cultural vem provar claramente que o Ribatejo pode marcar na vanguarda do campo da cultura. No da arte já tal é uma realidade devido ao Orfeão Scablitiano."¹⁷

Para Ginestal Machado, no Orfeão Scablitiano "... a amizade e a confraternização eram verdadeiros estíles, pois não havia diferenças de categorias sociais nem de credos políticos, mas sim uma finalidade harmonia, fraternidade e arte. Todos os Orfeões devem ser escolas de espírito comum, de elevação moral, de aumento da instrução e de elevado culto pela Arte."¹⁸

Em 1945, o Orfeão foi nomeado delegado do Circulo de Cultura Musical após visita da presidente, a pianista Elisa Baptista de Sousa Pedroso, a Santarém, podendo assim "... receber a visita de artistas e organizações nacionais e estrangeiras..."¹⁹

Nesse ano, a Direcção resolveu, após a oferta de João Correia Vieira da partitura para canto e piano da ópera "Lohengrin", fundar uma biblioteca musical, a partir das ddividas dos sócios. Alfredo César Henriques ofereceu ao Orfeão a sua biblioteca musical com quinhentas obras (partituras de diversas óperas e "preciosidades bibliográficas") e um violino para o curso de música.

Manuel Ginestal Machado prosseguia a sua obra no Orfeão, coadjuvado pelo seu irmão Armando, associado em 1946. "Uma das suas preocupações emquanto director do Orfeão, foi o apoio aos orfeonistas mais necessitados: custeando despesas de hospitalização" e adquirindo bilhetes para que pudessem assistir de espectáculos raros."²⁰

veu Ginestal Machado, "... A criação de uma Caixa de Previdência com que se possa ocorrer às necessidades mais urgentes dos orfeonistas com meios possíveis de financiamento. A organização dessa Caixa, pendente de um estudo profundo dos moldes em que deveria assentar, não nos é possível levar a termo dados os escassos dias que nos restam de gestão. No entanto, e animados dos bons desejos de levar tão longe quanto possível a nossa iniciativa, encetámos a compilação de um ficheiro dos orfeonistas, base em que deverá assentar, como ponto de partida, a organização da respectiva caixa."²¹

Na direcção para o ano 1946-1947, que tomou posse a 10 de Outubro de 1946, Manuel Ginestal Machado foi substituído por António Bastos: "... Dr. Ginestal Machado se congratulou pela eleição do Sr. António de Bastos para a nova direcção, considerando-se feliz por ter contribuído para tal com o convite que oportunamente lhe fez..."²⁴ Parece estranha esta posição, ate porque a criação de algo que normalmente se faz desde as actuações, aos apoios, passando pela gestão financeira. Na ultima reunião tendo sido apresentado um projecto ambicioso, a criação de uma Caixa de Previdência. O que terá levado Manuel Ginestal Machado a afastar-se? Algum acto de rebelião de algum membro, sabendo-se que ele era um homem disciplinado e disciplinador? Divergências políticas? Depreende-se que Ginestal Machado convideu o seu substituto na Direcção, António Bastos. Porque?

Quando em Outubro de 1948 regressou à direcção do Orfeão, Ginestal Machado encontrou-o desorganizado e "Tendo-se verificado que grande número de sócios têm pedido ultimamente, a demissão por motivos desmotivados desta direcção, foi resolvido enviar-lhes uma circular, solicitando-lhes o seu regresso."²⁵

O seu dinamismo levou-o mais uma vez a criar novos projectos, a investir no aumento de sócios²⁶ e a procurar mais apoios moneiros.

O Orfeão tornou-se, em 1949, o delegado em Santarém da Juventude Musical Portuguesa, graças à amizade de Ginestal Machado com João de Freitas Branco.²⁷

Em 1950, Ginestal Machado propôs a reorganização do Circulo de Cultura Musical que ficaria inserido de forma autónoma no Orfeão porque: "Esta Direcção entende que interessa para a Cultura e Arte a existência da Delegação do Circulo, e que se devem congregar dentro do Orfeão todas as actividades artísticas e culturais desta cidade."²⁸

No "Dia da Família Orfeónica", em Junho de 1953, Ginestal Machado foi homenageado no Ginásio do Seminário, Artur Duarte histrou o percurso do Orfeão assim como o papel do homenageado, enquanto uma das filhas descerrou um retrato. Ginestal Machado, comoivo, afirmou inspirar-se "... no exemplo de seu saudoso pai (António Ginestal Machado) para trilhar na vida os caminhos do dever e da honra..."²⁹

Contudo, em Outubro de 1953, Ginestal Machado decidiu afastar-se do Orfeão por motivos de saúde ("Santarém devia tentar demovê-lo de tal propósito!"³⁰) e demoveu.

Demovido das suas intenções e com o Orfeão definido nas suas linhas orientadoras, seguidas posteriormente pelo Circulo Cultural, Ginestal conseguiu a fusão com o Clube Literário Guilherme de Azevedo que vivia uma angustiante crise financeira.³² em 29 de Julho de 1954. O Orfeão regressa à sede onde outrora ensaiava. Artur Proença Duarte tornava-se o presidente ausente do Circulo que continava na obra do seu vice-presidente, Manuel Ginestal Machado.

(*Continua no próximo número*)

NOTAS:

¹⁵ Manuel Ginestal Machado, "O Grupo de Coordenação Cultural" in *Vida Ribatejana*, Vila Franca de Xira, n.º especial de 1947.
¹⁶ Acta n.º 10, OS, 2 de Julho de 1946.
¹⁷ Manuel Ginestal Machado, "O Grupo de Coordenação Cultural", *Notícias da Covilhã*, 2 de Junho de 1945.
¹⁸ *Vida Ribatejana*, 18 de Fevereiro de 1945.

²⁰ Cf. Acta n.º 11, OS, 30 de Setembro de 1946.

²¹ A hospitalização da orfeonista Maria de Lourdes Dória num quarto particular custou 846\$80 (antes de Setembro de 1946). Cf. *Livro de Caixa n.º 2 do Orfeão Scablitiano*.

²² "Para que todos os orfeonistas possam assistir a este espectáculo [Companhia Teatral "Os Comediantes de Lisboa" e João Villareij] a Direcção resolveu adquirir bilhetes para os orfeonistas mais pobres." in Acta n.º 9, OS, 30 de Maio de 1946.

²³ Acta n.º 11, OS, 30 de Setembro de 1946.

²⁴ *Correio do Ribatejo*, 12 de Outubro de 1946.

²⁵ Acta n.º 1, OS, 12 de Outubro de 1948.

²⁶ Há um aumento do número de sócios com importância para o futuro da instituição, como Leonardo Ribeiro de Almeida e António Madeira Cachó. Cf. Acta n.º 3, OS, 16 de Outubro de 1948.

²⁷ Cf. Actas n.º 1, 2, OS, 20 de Outubro e 15 de Novembro de 1949.

²⁸ O Circulo de Cultura Musical foi fundado em 1948 e contou com o apoio logístico do Orfeão. Alguns dirigentes eram comuns às duas colectividades: Salvador Supardo, Georigna Perdigão, Artur Proença Duarte, Conde da Ribeira Grande. O presidente da direcção era Joaquim de Barros e Matos e os estatutos foram elaborados por Eduardo Figueiredo. Alguns concertos realizados no Teatro Rosa Damascos: Orquestra Sinfónica Nacional dirigida por Issay Dobrowen (13 de Novembro de 1948), a pianista Nelia Bassola Maissa (18 de Dezembro de 1948).

²⁹ Acta n.º 13, OS, 1 de Agosto de 1950.

³⁰ *Correio do Ribatejo*, Junho de 1953.

³¹ *O Comêrio do Porto*, 15 de Outubro de 1953.

³² Cf. Acta n.º 7, OS, 22 de Fevereiro de 1950.

CIÊNCIA

Grupo liderado por portugueses apresenta base de dados sobre envelhecimento

Um grupo de investigadores liderado por um cientista português apresentou a primeira base de dados na área da genética do envelhecimento humano, que vai ser publicada em Janeiro na revista *Nucleid Acids Research*.

A base de dados, intitulada *Human Ageing Genomic Resources*, fornece informações sobre os genes ligados ao envelhecimento, o que de acordo com especialistas, promete tornar-se uma peça importante na investigação da quele processo.

Segundo João Pedro de Magalhães, da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos da América, o trabalho da sua equipa "pode ajudar a desenvolver terapias para aliviar algumas doenças do envelhecimento como as doenças neurodegenerativas".

A revista *Nature Reviews Genetics* referiu a base de dados *Human Ageing Genomic Resources* como de interesse especial em 2004.

O cientista português, em colaboração com investigadores da Universidade de Namur, Bélgica, e do Hospital Brigham and Women, de Boston, desenvolveu ainda a maior e mais acessível base de dados sobre o envelhecimento em espécies animais. O catálogo de recordes de longevidade para mais de 2000 animais e 800 mamíferos tem como objetivo, além da satistiação da curiosidade de cientistas e público em geral, a identificação de novos modelos animais que permitam um melhor conhecimento do envelhecimento.

Outro dos objectivos da equipa é tentar estabelecer uma lista com uma descrição actualizada das várias espécies que aparentemente não envelhecem, como por exemplo determinados tipos de tartarugas.

João Pedro de Magalhães, natural do Porto, licenciado em Microbiologia e doutorado em Biologia do Envelhecimento, trabalha no Departamento de Genética na Faculdade de Medicina da Universidade de Harvard, em Boston.

ASSINE O

CORREIO DO RIBATEJO

Adágios do Povo (*)

Andar meido em cavalarias altas



Esta frase aplica-se àquela pessoa modesta que se aventura a tratar de negócios assuntos difíceis para si.

Aquela que se meteu em questões que não tem possibilidade de resolver.

Esta expressão é tratada em "O Século", de 21 de Junho de 1973, que transcrevo:

"Na Idade Média os cavaleiros tinham, quase sempre, dois cavalos. Um deles era o cavalo vulgar, o cavalo que utilizavam na sua vida diária. Agil, nervoso, rápido, era o meio de transporte habitual.

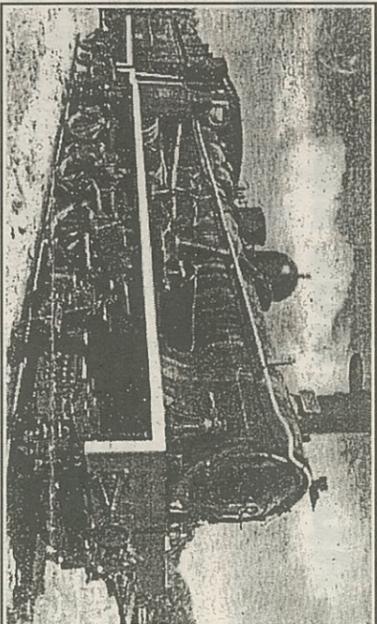
O outro era o cavalo de batalha, sólido, poderoso e, sobretudo, muito grande. Quando o cavaleiro montava este último, o "seu cavalo grande" era para se vangar de uma injúria, ou para combater o inimigo. E, como é óbvio, podia acontecer que a luta não lhe fosse favorável.

Ainda nos nossos dias, quando uma pessoa se abate a fazer qualquer coisa que está acima das suas possibilidades, se usa dizer que "anda meido em cavalarias altas".

In: *Genie de Portugal*, Alexandre de Carvalho Costa, vol. 1, p. 85.

(*)*Coligido por Bertino Coelho Martins*

Para os amantes do Caminho de Ferro



As eternas e saudosas locomotivas a vapor

Não! O Comboio jamais morrerá!

Embora haja quem opine que o Avião acabará por «matar» o Comboio, não acreditamos em tais vaticínios, aliás, absolutamente derrotistas, já que ambos vivem – e continuarão vivendo – em mundos totalmente diferentes, sem, portanto, vermos quaisquer possibilidades de mútua intrmissão.

Agora, então, até pelo contrário, uma vez que o Comboio, com a standardização sistemática e a cibernética a dominarem as actividades, continuam a ser activadas, melhorando todas as suas condições, não só, propriamente, de segurança, comodidade e conforto, como de determinadas regalias que se tornam inacessíveis ao Avião, designadamente no respeitante aos seus terminais.

Sim, é que os do Comboio poderão – como, aliás, esta-

Santarém assinala segundo centenário do nascimento de Passos Manuel

O segundo centenário do nascimento de Passos Manuel vai ser assinalado em Janeiro em Santarém, cidade onde morreu, com uma sessão evocativa e um congresso internacional destinado a debater ideias defendidas por este opositor ao regime absolutista.

A evocação histórica marcada para 5 de Janeiro, data do seu nascimento (em 1805), e o congresso, denominado "Passos Manuel – Cidadania, Iberismo e Europeísmo" nos dias 21 e 22, propõe-se debater, à luz da sociedade actual, ideias de uma personalidade que ficou conhecida pelo combate a favor do liberalismo e pela acção reformadora em diversas áreas, sobretudo na educação.

As comemorações do segundo centenário do nascimento de Manuel da Silva Passos (1805/1862) são promovidas pela Fundação Passos Canavarro, com o apoio da Câmara Municipal de Santarém, Governo Civil, Instituto Politécnico, Arquivo Distrital e Casa da Europa do Ribatejo. Para promover o debate e a participação dos inscritos no Congresso, este contará com a intervenção de dois oradores com perspectivas distintas e dois comentaristas por cada um dos temas propostos.

O tema cidadania será apresentado por Guilherme de Oliveira Martins e António Manuel Hespanha e comentado por Luis Reis Torgal e José Zaluar Basílio.

Joaquim Veríssimo Serrão e Ramon Villares Paz falarão sobre iberismo, tema que será

A FUNERÁRIA

Jorge Almeida, Lda.

Serviço Permanente

Telef. 243 44 12 46

Telefóvnel 91 72 73 370

Escri.: Sobral – S. Vicente do Pauli – Telef. 243 44 12 46

Sede: Pernes – Rua Ornel Pena, 103 cv – Telef. 243 44 94 44



De resto, para tal – repelimos – basta, simplesmente, «aconchegarmos» os olhos ao vidro da janela e desdobrar mos a panorâmica que se nos abre em frente, para logo ela correr numa sintonia de cor que, aliás, *sugere e inspira*, como nenhuma outra.

Enfim, com todos estes e outros atributos, decididamente, o *Comboio* jamais *morrerá!*

Seca e Meca e Olivaís de Santarém

A ÚLTIMA ENTRADA DE TOIROS

- E para quando também o monumento ao Campino?

(Continuação)

Quando Almeida Garrett, nas celebradas “*Viagens na minha terra*”, se dispõe a vir «conhecer as ricas várzeas do Ribatejo, e saudar em seu alto cumo a mais histórica e monumental das nossas vilas, Vir nada menos que a Santarém», a imagem que lhe atravessa o espírito é, seguramente, a mesma que têm à priori todos aqueles que continuam a demandar estas paragens e aqui se fixam, vindo até alguns a integrar a edilidade santarena, e a ter, por consiguiente, acção preponderante na condução dos nossos destinos colectivos. Será de resto a mesmíssima imagem que tem a generalidade dos portugueses quando reproduzem “in mente” a cidade de Santarém e o Ribatejo.

E a imagem de marca dumra terra ligada ancestralmente aos toiros e aos cavalos, à festa brava, num imaginário empolgante em que, por devoção ou dever de ofício, se sublima a coragem na lida com o gado bravo: coragem gratuita para alguns, mas que é quinhão importante da nossa maneira de ser, da idiossincrasia de quem tem aqui as suas raízes profundas. E não é por acaso que numa das obras de referência mais importantes da literatura portuguesa, compõe intencionalmente Garrett aquele quadro, que é emblemático, sem sombra de dúvida, do «varino versus borda d’água», a bordo do vapor que o transportou na primeira etapa da viagem, do Terreiro do Paço para Vila Nova da Rainha, a 17 de Julho de 1843. No qual o grande escritor põe em confronto, de um lado o campino e o forçado, do outro os líhavos, os pescadores oriundos da costa de Aveiro ou do estuário do Vouga, dirimindo entre si sobre quem é mais valente, se os primeiros, que, semana a semana, enfrentam o toiro bravo na lezíria e nas arenas, um «bol de len», como eles dizem com orgulho, se os segundos, em briga permanente com o mar.

Com efeito, no imaginário do povo ribatejano uma figura se eleva muito acima de todos os iconesque nos são caros: o Campino! E é também essa, sem sombra de dúvida, quer se queira quer não, a imagem mais impressiva que a esmagadora maioria dos portugueses teve desde sempre do Ribatejo, desde tempos imemoriais. É uma evidência incontornável, que só por manifesta má fé, que não ignórcia, poderia ser denegada.

Por tal razão, e por serem os monumentos a forma mais visível e perene de honrar e sublimar os valores tradicionais da região, isto é, a nossa própria identidade, justificava-se também amplamente que se tivesse já erguido em Santarém, há muito tempo, como vimos defendendo de longa data, um monumento condigno ao Campino.

Muito antes mesmo do Monumento ao Forçado, e sem desdoriro para quem liou persistientemente para que o mesmo se efectuasse, que sustentamos que é da mais elementar justiça a edificação do Monumento ao Campino. Os forçados honram igualmente sem dúvida as tradições santarenas, especialmente o Grupo de Forçados Amadores de Santarém, criado no dealbar do século XX; mas a cidade, como capital tradicional de todo o Ribatejo, tinha obrigação moral de ter constituído há muito, como preocupação prioritária, o Monumento ao Campino, que continua a faltar e que a existência do Monumento ao Forçado não substitui nem inviabiliza de modo nenhum.

Tão pouco o facto de Vila Franca de Xira e Salvaterra de Magos terem já monumentos ao campino. Salvaterra só mais recentemente, pode obstar minimamente à existência de outro monumento com a mesma finalidade em Santarém! Muito pelo contrário! Deveríamos reflectir até sobre o seu exemplo. A capital do Ribatejo tem essa obrigação ética, que conforma, além de mais, uma dívida de gratidão em relação ao Campino, indubitavelmente o maior símbolo de sempre das tradições ribatejanas!

A solução óptima, ideal mesmo, seria, a nosso ver, uma estátua equestre de bronze, estática, de grandes proporções, sobrelevada relativamente ao terreno, assente sobre um pedestal de cantaria com alguns metros de altura. O local mais indicado seria a rotunda acabada de construir, no actualmente designado Largo Cândido dos Reis, o antigo Largo das Amoreiras, um dos locais mais nobres do planalto santarém neste momento.

Em alternativa, poderia ficar, no espaço fronteiro à Casa do Campino, ou mesmo no pequeno largo frente à Escola Secundária Ginestal Machado, hoje designado por Largo Bento Luís Caração, lembrando, além de mais, o rasgo temerário daquele campino valente, humilde e generoso, que na última espera de toiros em Santarém, com o gado apartado no campo, jogou a vida num palmo de terreno, entre oliveiras, na cova do Telhadas: no local preciso onde hoje se começa a subir a rua Adelaide Félix.

Lembrando justamente que foi ali metade uma das melhores

varas de todos os tempos no Ribatejo, em circunstâncias de dificuldade extrema. Desalojar um toiro tresmalhado, que se parasse por cansaço ou ficasse “enquerengado” por quaisquer razões, foi sempre caso muito sério, fosse em que circunstâncias fossem, sobretudo sem cabrestos ou quaisquer ajudas. Era preciso ter ali, além de mais, muito caio na tir de com rezes bravas, saber verdadeira mente tourear, para se tirar de apuros em tais circunstâncias. E, naquele caso, as dificuldades superavam tudo quanto é humana-mente imaginável!

Foi sem dúvida um acto temerário, quase gratuito e desnecessário, como diriam os detractores do costume, pouco ou nada virados para estas coisas da festa brava e das velhas tradições ribatejanas, mas de grande peso simbólico, reconheça-se. Acto que passou despercebido à grande maioria das pessoas daquele tempo, não tendo sido sequer minimamente referido, relatado ou enaltecido na altura, por quem quer que fosse, em termos públicos! Cumprir ao autor destas linhas, o dever de consciência de referir esse acto anónimo, de que foi testemunha presencial, ainda que muito à posteriori, mais de meio século depois, nesta singela narrativa que mais não é que uma modesta e desprezível homenagem ao herói amplamente reconhecido do mundo rural de onde provém; homenagem, ao fim e ao cabo, extensiva a todos os Campinos do Ribatejo!

Mas, enquanto não vem esse mais que merecido Monumento ao Campino, justificava-se até que, à actual rua Adelaide Félix, praxeia Alves Fedei, rua Soeiro Pereira Gomes ou praxeia Bento Jesus Caração, já não falando da rua Madre Teresa de Calcutá, pela sua universalidade, as quais, como tantas outras designações topónimas atribuídas nesta cidade, só dizem alguma coisa aos intelectuais, e, nalguns casos, apenas a um leque muito restrito, a um desses topónimos, que foram antigas azinhagas, espaços livres ou de olival, por onde, antigamente, se escapavam muitas vezes os toiros tresmalhados, fosse dado o nome de “Rua” ou “Praxeia do Campino” ou “do Maloral”. Não tanto pela dificuldade extrema a que aludimos, tão pouco, por terem constituído no conjunto um dos principais cenários da nossa narrativa; mas, fundamentalmente, pelo peso simbólico que o Campino teve desde sempre na idiossincrasia do povo ribatejano.

Rogério Soares

“Todos têm Direito à Cultura”

*O sonho e a Obra de Manuel Ginestal Machado**

*Teresa do Rosário Lopes***

(Conclusão)

Círculo Cultural Scalabitano

A sua primeira preocupação foi as obras de beneficiação do edifício sede apesar do conflito com o senhorio Firmino Silva, Pereira. A sede, no velho teatro Taborda, foi inaugurada a 9 de Novembro de 1954.¹



Maria Antónia Ginestal Machado, Maria de Lurdes Hirtze Ribeiro, Dr. Ginestal Machado e Artur Proença Duarte, no Saeu do 100.º Concerto do Orfeão, em 27 de Janeiro de 1956

Na década de cinquenta, as actividades como viagens, saídas, conferências, exposições, teatro, ópera, cinema intensificaram-se. A esta última ligou-se a criação do cineclub de Santarém, no início de 1955, defendido por Manuel Ginestal Machado perante Artur Proença Duarte, antes da exposição de Manuel Castela.²

O surgimento da nova secção trouxe o problema de como voltar a censura: “O vogal Joaquim Maria das Neves informou (...) de que não havia possibilidade de realizar as sessões de cinema de formato reduzido em virtude das dificuldades burocráticas criadas pela delegação da inspecção dos Espectáculos em Santarém, porque somente permite a exibição de filmes previamente censurados e de que os filmes a ceder pelas Embaixadas e Delegações estrangeiras em Portugal não estão classificados. O Vice-Presidente deu parecer de que o assunto talvez resolvesse uma possibilidade de revolução”. Achava que se devia, particularmente, expor ao Sr. Inspector-Geral dos Espectáculos o que se deslajava e talvez assim houvesse solução...³ Como sempre, Ginestal Machado apresentou a solução para mais um problema.

O apoio social continuou a ser uma prioridade nas preocupações de Ginestal Machado, que criou um fundo de “Assistência” para socorrer os mais necessitados e doentes⁴ quer a fundo perdido quer em modalidade de empresas-limo.⁵

Ginestal Machado foi, novamente homenageado a 27 de Janeiro de 1956, durante a Festa comemorativa da 100ª Emissão do Orfeão Scalabitano através da Emissora Nacional.

O carisma de Ginestal Machado à frente da colectividade era incontornável. Quando em Fevereiro de 1957, este ameaçou demitir-se em consequência de um incidente passado no teatro Rosa Damasceno, em que defendeu a mãe de uma orfeonista e a própria quando foram ofendidas verbalmente por alguns empregados do teatro, foi alvo de uma enorme manifestação de apoio e solidariedade transcrita num ofício assinado por todos os orfeonistas⁶ e enviado a Artur Duarte. Perante tal demonstração de afecto, Ginestal Machado aceitou retirar o pedido de demissão.

A falta de assiduidade assim como os problemas de indisciplina preocupavam-no. Em Março de 1955, criou um prémio de assiduidade para os membros do Orfeão, enquanto em 1957, alertava os elementos da Orquestra Típica para o excesso de faltas aos ensaios e desinteresse demonstrado.⁸ Quando os casos de indisciplina surgiam, o vice-presidente não hesitava, na expulso, até porque “... para bem da moral, da disciplina e bom nome do Orfeão, há que ser severo.”⁹

Na área do ensino, Ginestal Machado tinha preocupações pedagógicas: não aumentar o número de alunos para manter a qualidade das aulas, alertar os encarregados de educação para a falta

de assiduidade às aulas¹⁰ ou “... a necessidade de modificar a orgânica que tem regido o “Coral Infantil”, entregue a (...) Luis Fernandes, dedicado colaborador, mas que a sua avançada idade, não pode arcar já com responsabilidades, nem possui as condições pedagógicas que a secção necessita.”¹¹

Em 1955, o Círculo decidiu par-

tecipar na Feira do Ribatejo, sendo a Comissão encarregue de todos os assuntos liderada por Ginestal Machado. Este desejava construir um pavilhão na Feira que representasse o Círculo. Após ter sido aprovado o projecto, assim como o orçamento apresentado pelo construtor Manuel Pereira de Figueiredo, e “...para tornar viável a ideia, o sr. vice-presidente espera obter auxílio no relatório do Clube de Santarém e Casa do Ribatejo e também uma comparticipação do Estado, quando promessa feita, em tal sentido, pela Comissão da Feira.”¹² No entanto, a falta de verbalizou-o e abandonar o projecto, apesar de ter tido todas as hipóteses de concretização.¹³ Ainda assim, o Círculo colaborou com a Comissão Executiva da Feira do Ribatejo, liderada por Celestino Graça, tendo participado em alguns espectáculos com a Orquestra Típica, o Orfeão e a Secção de Teatro.¹⁴

O ano de 1958 foi um ano doucado para o Círculo, pela sua actividade, por ter sido agraciado com o grau de Oficial da Ordem de Instrução Pública, mas também pelas entrevistas e artigos de Ginestal Machado. Neles, o vice-presidente delinhiu a sua motivação e a sua linha de pensamento: “A razão fundamental que nos leva a consagrar a esta obra, reside no facto de reconhecermos que todos os homens têm direito à Cultura e aqueles que a sua situação privilegiada permitiu ascender a determinadas posições sociais e intelectuais, têm a obrigação moral de ajudar e facultar aos menos privilegiados todos os meios necessários ao seu aperfeiçoamento moral e intelectual, visto que todas as classes, dentro da boa ética social, devem conviver e compreenderem-se mutuamente, sem que haja “compartimentos estanques”, apesar dos credos e crenças que cada um possa professar. Se deste esforço resultar o aproveitamento de meia dúzia de valores, pelo menos, sentir-nos-emos satisfeitos e orgulhosos da obra que realizamos, pois reconhecemos que através da música e da arte, os homens se aproximam e se entendem.”¹⁵

Para ele, o Círculo “... é uma instituição que se propõe elevar uma verdadeira obra de cultura popular e criou nesta cidade um clima de paz e de boa compreensão entre os seus habitantes, propício à elevação espiritual do homem.”¹⁶

Ginestal Machado conseguiu, em 1959, o apoio necessário para tentar concretizar o seu grande sonho, a construção do Palácio da Música. A Fundação Gulbenkian “... edificaria em Santarém o Palácio da Música, devendo a Direcção apresentar o projecto, terreno e comparticipações. (...) o projecto do edifício andará por uns 70 a 80 mil escudos para o qual já havia recebido promessas de auxílio que já monta a 20 mil escudos. Quanto ao terreno terá que ser cedido pela Câmara Municipal de Santarém, mas que na sua opinião [Ginestal Machado] terá

“CORREIO DO RIBATEJO” – 14-1-2005



ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE PERNES

AVISO – CONVOCATÓRIA

Nos termos do art.º 10.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral da Associação dos Bombeiros Voluntários de Pernes, para reunir no dia **14 de Janeiro de 2005**, pelas 20.30 horas, nas instalações da sua Sede, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1.ª – Eleições para o biénio de 2005/2006.

2.ª – Outros assuntos de interesse para a Associação.

Se à hora marcada não estiver a maioria absoluta dos associados, a Assembleia Geral funcionará com qualquer número de associados em segunda convocação pelas 21.30 horas.

Pernes, 28 de Dezembro de 2004.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

Raul Augusto Duarte Violante (Dr.)

Celebridades histórico - literárias

Honore de Balzac

por **EDUARDO O. P. BRITO**

Entre os grandes romancistas franceses, *Honore de Balzac*, sem dúvida, um dos que possui uma obra mais vasta e valiosa.

Por exemplo, «A Pele do Asno», «Louis Lambert», «Jesus na Flandres», «O Tio Goroti», «Eugénia Grandet», «O Médico da Aldeia», «A Prima Bette», Contos Patuscos e tantos outros, são bem o índice dessa sua obra notável que, aliás, o coloca na galeria dos grandes romancistas da sua época e não só.

Nascido em Tours, no dia 20 de Maio de 1799, o seu grande desejo foi sempre o de *escrever*, vencendo assim todas as desilusões que a vida lhe proporcionara, através de inúmeras privações, algumas, por sinal, bem duras.

Mas, esse seu desejo observava-o de tal forma, que a verdade foi o de se tornar num dos grandes mestres da literatura romanesca de todos os tempos.

Porém, todas as suas obras, quer os romances quer os próprios contos, baseavam-se em histórias dumra burguesia em que o seu Deus era o dinheiro...*******

Entretantes, quando se sentava a escrever, *Balzac* tinha por hábito envolver-se num roupão branco, como um frade dominicano, e calçar uns chinelos de marroquim vermelho debruados de ouro. Isto, enquanto, por sua vez, cingia ao corpo uma corrente veneziana também de ouro, da qual pendiam, igualmente de ouro, uma dobradiça, uma faca e uma tesoura.

Depois, bebia enormes goles de café fumegante para ficar desperto. E que, para *Balzac* o escrever era uma certimonia tão dolene como uma missa, começando só às duas horas da madrugada, ou seja quando o «sumo sacerdote», então, se levantava e... *pegava na pena!*

Porém, aos trinta e tantos anos, *Balzac* concebeu o es-tupendo plano de escrever um ciclo de romances e fundi-los numa comédia Humana de

A FUNERÁRIA

Jorge Almeida, Lda.

Serviço Permanente
Tel.º 243 44 12 46
Telemóvel 91 72 73 370

Escri.: Sobral – S. Vicente do Pauli – Telef. 243 44 12 46
Sede: Pernes – Rua Oról Pena, 103 cv – Telef. 243 44 94 44



Honore de Balzac

costumes, ou seja, nada mais nada menos, que *noventa e seis livros*, cada um destinado a servir como uma espécie de *única pincelada* num quadro consecutivo da vida.

Entretanto, projectou também, fazer para o reino dos homens o que *Buffon* fizera para o dos animais. Isto é, escrever um documento exaustivo sobre a anatomia moral comparativa da espécie humana.

E que os motivos que guiam o mundo dos homens – argum-entava *Balzac* – são as paixões de animais, especialmente a paixão do *interesse* próprio. «A polidez apenas adorna o homem e a hipocrisia mascara-o!!!

Enfim, conceitos que *Balzac* nunca se cansava de expressar nas suas obras imortais.

O grande romancista francês, veio a falecer em Paris, no ano de 1850. Portanto, com pouco mais de 50 anos.

MÓVEIS

3275 **C**ompramos móveis antigos, recheios de casa, loiças, velharias.

Restauramos móveis, estofos, talhas, palhinha.

Fabricamos por medida, com orçamento.

Telemóvel 962430689.

CAVALHEIRO

5910 **C**om 55 anos, separado, pretende conhecer senhora séria, 45-60 anos, para futuro compromisso. Resposta: TM. 933641677.

“Todos têm Direito à Cultura”

O sonho e a obra de Manuel Ginestal Machado*

Teresa do Rosário Lopes**

(Continuação da 10.ª página)

que ser no centro da cidade nos terrenos em frente do Presídio Militar...”.

O projecto do edifício a construir demonstrava a grandiosidade da obra: “...um auditório para 1500 lugares, dotado de câmara para projecção; duas salas para conferências, recitais e exposições, colocada nos baixos do auditório as quais serviriam de salas de trabalho, sendo uma com a capacidade de 200 pessoas e outra para 500; seis salas de aula, tendo cada uma a capacidade de 30 alunos, devendo as mesmas (...) condições acústicas e estéticas; uma sala para a Biblioteca tendo anexa uma sala para Museu; uma sala de jogos com capacidade para dois bilharas; uma secretaria; uma sala para arquitecto; uma sala para gabinete da Direcção; uma sala de estar; duas salas para jogos de vasa; bar, copa e cozinha; duas dependências para o continue e instalações sanitárias.”.

Ginestal Machado, os arquitectos do projecto e o engenheiro da Câmara visitaram diversos terrenos na cidade, “... ficando em principio estabelecido que o edifício seria erguido no terreno situado entre a estrada para Lisboa e o Campo da Feira, terrenos pertencentes ao Sr. José Rufino.”.

No projecto apresentado à Câmara, a obra era possível de executar em três fases, “... pois o esboço apresenta 3 corpos distintos com ligação entre si, sendo um constituído pelo auditório para 1500 lugares, outro para “foyer” e recinto de exposições e ainda outro para instalação da sede propriamente dita.”.

No entanto, a Câmara optou por oferecer outro terreno, no Largo Paulino da Cunha e Silva, que, apesar de aceite pela Direcção, não mereceu o apoio dos arquitectos do projecto. Estava-se em 1961 e o Circulo vivia grandes dificuldades.

Na década de sessenta, as reuniões da Direcção do Circulo diminuíram. As actas dessas reuniões são pobres de texto e reflectem um certo declínio, a partir de 1962, que se acentua em 1963, ano em que a Direcção só se reuniu duas vezes. Na tentativa de atenuar a grave crise financeira, Ginestal Machado insistiu junto do Governador Civil Lino Valente, para que este obtivesse do Ministro da Educação o estatuto de instituição de utilidade publica para o Circulo e se possibilitar um subsídio igual ao de 1957.²²

A crise instalou-se quer no Orçamento quer na Orquestra Tipica, tendo as actividades sido suspensas devido à falta de comparação dos elementos aos ensaios.²³ No caso do Orçeaio, o próprio maestro Belo Marques foi atarastado por falta de assiduidade. A instabilidade arrastou-se por todo o ano de 1963.²⁴

Falta de dinheiro, a dificuldade em obter apoios, as crises do Orçeaio e da Orquestra Tipica, a repressão e maior vigilância por parte do Estado Novo às colectividades, a conjuntura politica nacional (consequências da campanha eleitoral do general Humberto Delgado, a Guerra Colonial) levaram ao dessecamento de Ginestal Machado, que, em 1962, deu “... conhecimento que não tentaria manter-se na vice-presidência, após o término do triénio directivo. Pênis restantes elementos de Direcção, foi também comunicado que //não desejava continuar nos corpos gerentes.”.²⁵

Sam Ginestal Machado viveu-se um vazio de poder. Não surgiram listas nem voluntários para as constituir. Entre 8 de Novembro de 1963 e 12 Fevereiro de 1964 não se realizaram reuniões da Direcção, sendo esta ultima após a morte de Ginestal Machado. Tinha-se fechado um ciclo na vida cultural da cidade.²⁶

Acoher, fraternalmente todos os que quisessem aceder à cultura, independentemente do seu estatuto social, nível intelectual atingido, credos ou crenças, moveu a vida de Manuel Ginestal Machado. Por valores como tolerância, democracia e fraternidade, criou obra e constituiu sonhos.

Durante mais de vinte anos, o dinamismo de Ginestal Machado intensificou a vida cultural de Santarém. O seu pioneirismo permitiu que muitos espectáculos livres sem acesso a estabelecimentos de teatro, cinema, ópera, opereta, música ligeira, conferências, exposições, viagens. Muitos jovens tiveram acesso a aulas de música, balletado, teatro, inglês, francês e canto.

A sua dedicação levou a que empenhasse todos os esforços na sua obra, quando era preciso dinheiro, emprestava-o,²⁸ quando precisava de socios, alunos e colaboradores recitava-os na família, a mãe ²⁷ o irmão Armando, a irmã Mariana, a filha Maria Antónia (madrinha do Orçeaio), a sobrinha Ana Caldas (bailarina).

Alguns dos sonhos de Manuel Ginestal Machado não se concretizaram, destacando-se o ciclopioco projecto do Palácio da Música. No entanto, a sua obra esta entre nos como testemunho de anos de trabalho e dedicação. Hoje quem a continue e dignifique, até porque “todos têm direito à cultura”.

NOTAS:

¹ Cf. *Correio do Ribatejo*, 30 de Outubro de 1954, *O Primeiro de Janeiro*, 10 de Novembro de 1954 e Acta n.º 11, Circulo Cultural Santalibano, 11 de Novembro de 1954.

² ... Manuel Castela expôs, com clareza, inteligência e perfeitoc conhecimento do assunto, o que era o Circulo, o que ele se propõe e as suas vantagens, como meio de difusão cultural e artistica. Fez a sua defesa e demonstrou a utilidade que ele trazia à colectividade. Mostrou também a possibilidade de se começar a promover o cinema de amadores, obra que faria parte do programa do Circulo, de cujo programa e regulamento apresentou e que foram aprovados: O Senhor Presidente elogiou a forma comvente como o senhor Castela tratou o assunto (...), e entendiã, disse, que a proposta era digna de aprovação.” in Acta n.º 2, CCS, 31 de Janeiro de 1955.

³ Acta n.º 54, CCS, 11 de Abril de 1958, p. 31.

⁴ Cf. Acta n.º 44, CCS, 2 de Dezembro de 1957, p. 15v.

⁵ Cf. Acta n.º 67, CCS, 5 de Dezembro de 1959, pp. 46-47.

⁶ Cf. Acta n.º 31, CCS, 12 de Fevereiro de 1957, pp. 1v-2.

⁷ O prémio de assiduidade do Orçeaio foi regulamentado a 20/3/1965.

Neste, instituíam-se 3 prémios: uma viagem a uma cidade do norte ou do sul; uma viagem a Lisboa e no 3.º prémio um bom livro sobre música. Cf. “Prémio de Assiduidade – Regulamento” in *Livro Vermelho: Documentos Avulsos*, CCS, 1955-1958.

⁸ Cf. Acta n.º 30, CCS, 4 de Fevereiro de 1957.

⁹ Acta n.º 52, CCS, 15 de Março de 1958, p. 26v.

¹⁰ Cf. Acta n.º 90, CCS, 4 de Fevereiro de 1957.

¹¹ Acta n.º 78, CCS, 28 de Julho de 1959, p. 56v.

¹² Acta n.º 4, CCS, 14 de Março de 1955.

¹³ Cf. Acta n.º 7, CCS, 2 de Maio de 1955.

¹⁴ Cf. Acta n.º 72, CCS, 20 de Abril de 1959, p. 52v.

¹⁵ “... todos os Homens têm Direito à Cultura” declarou-nos o Sr. Dr. Ginestal Machado, Vice-Presidente do Circulo Cultural Santalibano in *Jornal do Ribatejo*, n.º 3, 20 de Março de 1958, p. 12.

¹⁶ Manuel d’Almeida Ginestal Machado, “O Circulo Cultural Santalibano. Uma Obra Cultural que Honra a Cidade de Santarém, a Província do Ribatejo e todo o Portugal”, in *Album Ilustrado da Feira do Ribatejo*, dir. António M. Rodrigues, n.º 3, Santarém, (s. l.), Outubro de 1958.

¹⁷ Acta n.º 68, CCS, 25 de Fevereiro de 1959, p. 48v. ¹⁸ Acta n.º 70, CCS, 18 de Março de 1959, p. 50v.

¹⁹ Acta n.º 71, CCS, 10 de Abril de 1959, p. 52v.

²⁰ Acta n.º 15, CCS, 18 de Junho de 1959, p. 56.

²¹ Cf. Actas n.º 100 e 104, Circulo Cultural Santalibano, 4 de Janeiro e 20 de Fevereiro de 1961.

²² Cf. Actas n.º 114 e 116, CCS, 22 de Abril e 17 de Dezembro de 1962, pp. 86-87.

²³ Cf. Acta n.º 118, CCS, 8 de Novembro de 1963, p. 87v-88.

²⁴ Acta n.º 116, CCS, 17 de Dezembro de 1962, pp. 86v-87.

²⁵ Para amortizar uma terra no Banco de Portugal proveniente de um empréstimo do Circulo e “Como o Sr. Tesoureiro declarou que se não achava habilitado a fazer essa operação, por escassez de fundos, o Sr. Dr. Ginestal Machado declarou que abonda a caixa para essa operação, o dinheiro necessário, in Acta n.º 9, CCS, 11 de Junho de 1955. O sublinhado é nosso.

²⁶ Cf. Acta n.º 10, CCS, 2 de Novembro de 1954.

SANTARÉM

Gabinete de Psicologia da autarquia dá apoio a 120 crianças

De Janeiro de 2003 até final do mês de Dezembro de 2004 deram entrada no Gabinete de Psicologia da Criança e do Adolescente da Câmara de Santarém, 239 pedidos de avaliação e acompanhamento psicológico de crianças e adolescentes do concelho, numa lógica da promoção do sucesso escolar e da igualdade de oportunidades, fomenta também a formação e informaçãõ a docentes e técnicos, assim como o aconselhamento parental.

O funcionamento do gabinete é assegurado por duas técnicas de psicologia que prestam actualmente apoio a 120 crianças.

De Setembro a Dezembro de 2004 foram também realizadas 398 consultas, das quais 31 dizem respeito a crianças que foram observadas pela primeira vez.

Presentemente, o Gabinete de Psicologia da Criança e do Adolescente elogiou a forma comvente como o senhor Castela tratou o assunto (...), e entendiã, disse, que a proposta era digna de aprovação.” in Acta n.º 2, CCS, 31 de Janeiro de 1955.

De Setembro a Dezembro de 2004 foram também realizadas 398 consultas, das quais 31 dizem respeito a crianças que foram observadas pela primeira vez.

Presentemente, o Gabinete de Psicologia da Criança e do Adolescente elogiou a forma comvente como o senhor Castela tratou o assunto (...), e entendiã, disse, que a proposta era digna de aprovação.” in Acta n.º 2, CCS, 31 de Janeiro de 1955.

Curiosidades da Ciencia

Insectos ajustam dieta para manter equilíbrio nutritivo

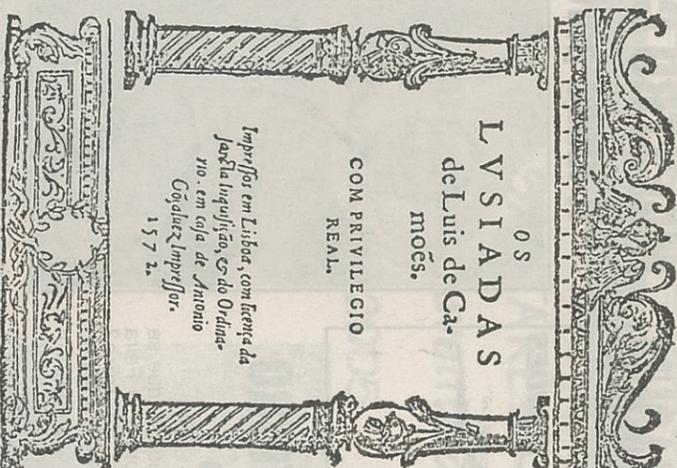
Mais preocupados aparentemente com a saúde do que muitas pessoas, os insectos predadores ajustam o seu regime alimentar para manterem um bom equilíbrio nutritivo, indica um estudo publicado nos Estados Unidos.

No quadro desta investigação, foram primeiro oferecidos a aranhas e escarabajos alimentos desequilibrados, ou demasiado ricos em lípidos (gorduras) ou em proteínas. Numa segunda fase, ao serem-lhes dados alimentos variados, todos os insectos submeteram à experiência escolheiram nutrientes que lhes permitiam restaurar o equilíbrio das proteínas e gorduras.

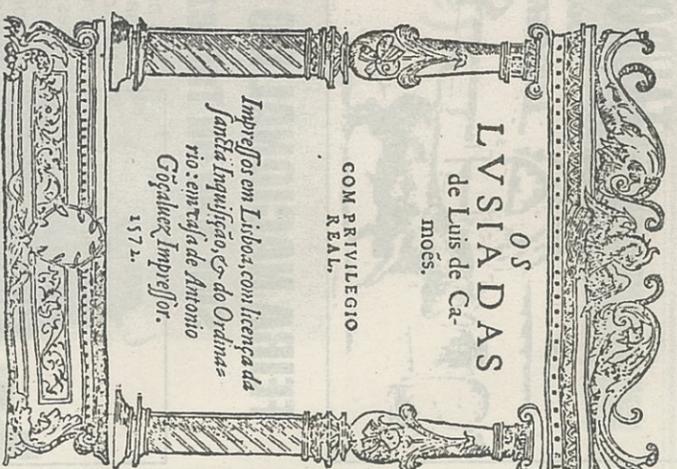
“Este estudo dá-nos uma imagem totalmente nova dos escarajavhos e das aranhas predadoras”, nomeadamente pela grande atenção que prestam ao que comem”, afirmou David Mayntz, professor da Universidade de Oxford (Reino Unido) e um dos principais autores desta investigação internacional.

“O nosso estudo é o primeiro a mostrar de forma experimental que um animal carnívoro é capaz de compensar os desequilíbrios nutritivos através da selecção dos tipos de alimentos que consome”, acrescentou.

Além de Mayntz, o estudo, cujos resultados vêm publicados na revista Science, contou com a participação de investigadores das universidades de Aarhus (Dinamarca), de Auckland (Nova Zelândia) e Bem-Gurion (Israel).



Ed. E7/2-S



Ed. E7/2-D

SANTARÉM, CIDADE DE CAMONISMO

Temas Camonianos

As edições de *Os Lusíadas* datadas de 1572

Pelo PROF. DOUTOR JUSTINO MENDES DE ALMEIDA*

(V)

Um processo prático de distinguir as edições datadas de 1572, correntemente consideradas uma verdadeira e outra falsa, consiste em observar a figura do pelicano que encima a portada: a verdadeira 1.ª edição de 1572 apresenta o pelicano com o colo para a esquerda do observador, enquanto a outra o apresenta com o colo para a direita. A primeira também se chama edição *Ee* ou *S* (*scripsit: à esquerda*); a segunda, edição *E* ou *D* (*deixit: à direita*). Tal designação deriva do penúltimo verso da 1.ª estância do Poema, que, na edição príncipe, é: *Entre a gente remota edificaram*, ao passo que na outra se lê: *Entre gente remota edificaram*.

Este problema da existência de edições diferentes, datadas de 1572, discute-se desde 1685, ano da publicação da segunda versão da vida do Poeta, redigida por Faria e Sousa, para quem a edição que apareceu no mesmo ano da 1.ª era melhorada e resultante da extraordinária difusão da obra, coisa que aconteceu raras vezes no mundo, como escreve. Mais ainda: Faria e Sousa presunha que a 2.ª impressão teria sido feita segundo o manuscrito do Poeta ou algum exemplar por ele emendado, de que eram prova a sobre e falta de palavras que na 1.ª impressão se verificava. Algo idêntico ao que se verificaria com a 1.ª impressão das *Finnas*, que trouxe muitas coisas diferentes do manuscrito autógrafo, e na 2.ª seria um tanto melhorada. E enu-mera uma larga exemplificação dessa falta ou sobre de palavras.

É um resultado da comparação das divergências entre os dois textos, principalmente do alvará, do tipo usado na composição do parecer do censor, da ortografia, das designações e da pontuação, que não podemos admitir tenham saído da oficina de António Gonçalves, no mesmo ano de 1572, os exemplares da edição *Eee* e da edição *E*. Por isso Tito de Noronha, no seu estudo sobre *A Primeira Edição de Os Lusíadas*, publicada em 1880, considerou a edição *E* como um contrafacto.

Grupo Onomástico «Os Mários» promove jantar comemorativo

O Grupo Onomástico «Os Mários» promove na próxima quarta-feira, dia 19, Dia de São Mário, um jantar comemorativo do seu aniversário.

O jantar terá lugar na Adega Tipica, gerência de Elísio Mota José, na Portela das Padeiras, Santarém, pelas 20 horas.

Marcações até ao próximo dia 18 do corrente mês de Janeiro, junto de Mário Faustino (917382329) ou Mário Gomes (933291292).

ALUGA-SE

6034 1º andar na Av.ª D. Afonso Henriques, 89, em Santarém, com 5 assoalhadas, hall, 2 despensas, 2 w.c., cozinha, marquise e varanda corrida.

Trata o telefone 2432323669.

FOX-TERRIER

6028 Cruzado, macho, dá-se a quem estimar.

Trata telemóvel 965688900.

GRUPO DE DADORES DE SANGUE DE PERNES PROMOVE TORNEIO DE «SUECA»

O Grupo de Dadores de Sangue de Pernes inicia no próximo dia 21 do corrente mês de Janeiro, pelas 21 horas, o 7.º Torneio de «Sueca», tendo, para o efeito, abertas as inscrições até ao próximo dia 20.

O sorteio do Torneio realiza-se no dia 20, pelas 21 horas, na sede do Grupo, Rua Comendador José Gonçalves Pereira, 35 – Pernes.

Informações na sede do Grupo ou pelo telemóvel 933291292.

LOTES PARA MORADIAS VENDEDIM-SE

Áreas de 451 m² a 959 m². Todas as infraestruturas. Portela das Padeiras – Santarém.



Telemóveis 965806549 / 9624222187 / 9695177329